

NO 2.º CENTENÁRIO DA MORTE DO PORTUENSE TOMÁS ANTÓNIO GONZAGA,

ALGUNS PROBLEMAS HISTORIOGRÁFICOS SUSCITADOS PELA SUA OBRA (E ALGUMAS QUESTÕES NA ÁREA DA HISTÓRIA DA EDIÇÃO)

MANUEL CADAFAZ DE MATOS*

Resumo: Associando-se ao 2.º centenário da morte do poeta Tomás António Gonzaga (nascido na cidade do Porto em 1744 e falecido na Ilha de Moçambique em 1810) o autor aborda, neste estudo, alguns dos trabalhos literários desse arcade. Evoca, de igual modo a sua obra *Marília de Dirceu*, o seu envolvimento, directo ou indirecto no movimento brasileiro da «Inconfidência Mineira», até à sua consequente deportação para a Ilha de Moçambique.

Palavras-chave: Arcadismo brasileiro; *Marília de Dirceu*; Movimento da «Inconfidência Mineira»; Ilha de Moçambique.

Abstract: For the commemorations of the bicentennial of the death of the poet, Tomás António Gonzaga (born in Porto in 1744 and died on the Island of Mozambique in 1810), the author analyses some of the poet's literary works in this study. Particular focus is given to his work *Marília de Dirceu*, his involvement, direct or indirect, in the Brazilian movement of the «Inconfidência Mineira» (Minas Gerais Conspiracy), until his subsequent deportation to the Island of Mozambique.

Keywords: Brazilian 'Arcadism' (18th-century neoclassical literary movement); *Marília de Dirceu*; The «Inconfidência Mineira» movement; Island of Mozambique.

A cidade do Porto e a sua região teve sempre a louvável tradição de evocar as gentes aí nascidas e que, de alguma forma, ao longo dos séculos, se notabilizaram em várias latitudes, ou seja, no amplo universo da língua portuguesa. Tal sucedeu, também, com o intelectual e ideólogo político luso-brasileiro Tomás António Gonzaga.

Ele foi filho de um cidadão brasileiro, o magistrado João Bernardo Gonzaga e de uma senhora de ascendência britânica, de nome Tomásia Isabel Clark. Veio ao mundo nos arredores da cidade do Porto, mais precisamente em Miragaia, em 11 de Agosto de 1744. Apenas com cerca de um ano de idade perdeu a sua mãe.

Em resultados dos afazeres do pai, enfim, da sua colocação no Brasil, em 1751 já se encontrava – na vivência psíquica prolongada da sua orfandade¹ – na região de Pernambuco, no Brasil. É bem sabido, ainda, que ele estudou na Baía, no Colégio dos Jesuítas (onde terá herdado algum inconfomismo). Dez anos depois – e certamente em função de os seus progenitores pretenderem



Retrato de Tomás António Gonzaga (1744-1810).

* Membro da Academia Portuguesa da História e CEHLE. manuelcadafazdematos@cehle.com.

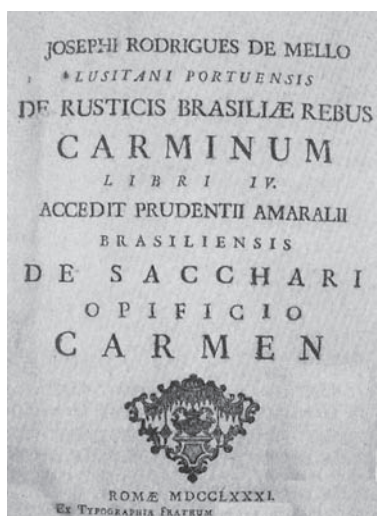
¹ Ainda não se encontra cabalmente estudada a perspectiva analítica de o poeta ter canalizado para a mulher amada a ausência da mãe que praticamente nunca chegou a ter em termos de aconchego e de afago.

que ele tivesse uma sólida formação, em Direito, numa das mais prestigiadas universidades portuguesas – voltava a Portugal.

A DESDITA DE DOIS CONTEMPORÂNEOS DE GONZAGA (DA REGIÃO PORTUENSE) NOS CAMINHOS DA EXPATRIAÇÃO

Tal ocorria quando os portugueses no Brasil – em particular os missionários da Companhia de Jesus, que ali pretendiam propagar o Cristianismo – vivam uma situação contrária aos seus interesses, ou seja, um manifesto período de perseguição. Veja-se, a título de exemplo, o que sucedeu então – entre tantos outros – com o missionário jesuíta João da Silva, natural de Pousadela, no concelho de Vila da Feira, pertencente à então diocese do Porto².

Essa situação desfavorável aos trabalhos dos jesuítas em terras do Brasil foi também acompanhada, de algum modo à distância, por Gonzaga, na primeira fase dos seus estudos em Coimbra. Ele mantinha alguns contactos, decerto, com alguns intelectuais (e com alguns missionários, também) que tinham sido embarcados do Brasil para Lisboa.



Frontispício da obra *De Rusticis Brasiliae Rebus Carminum Libri IV (Geórgicas Brasileiras)* de José Rodrigues de Melo (Roma, oficina dos Irmãos Pucinello, 1781).

Foi esse também o tempo em que José Rodrigues de Melo, portuense e poeta³ como Gonzaga – não sabendo nós, embora, se terão havido contactos entre ambos – também foi banido, da colectividade brasileira onde vivia, para o Rio de Janeiro e feito seguir, dali, para Lisboa. Seria forçado, pouco depois, a ser expatriado para Roma.

Na capital italiana esse contemporâneo de Gonzaga ainda teve, afinal, a feliz ocasião de assistir à edição em letra de forma, na oficina dos irmãos Pucinello, de uma sua obra poética, devidamente ilustrada, sob o título *De Rusticis Brasiliae Rebus Carminum, Libri IV*. Neste trabalho – mais tarde conhecido sobretudo pela referência «Geórgicas Brasileiras» – o autor apresentava alguns poemas referentes à plantação dos arbustos da mandioca e do tabaco e, no final, um outro sobre o fabrico do açúcar no Brasil, de Prudêncio do Amaral (aqui já em reedição)⁴.

² Este evangelizador tinha entrado, em 1757, na diocese brasileira de Olinda (onde também se ocupava do cargo de farmacêutico). Acabou por ser «deportado, na perseguição geral de 1760, do Recife para Lisboa [e, pouco depois] para Itália», acabando por falecer em Roma, em 12 de Fevereiro de 1768. Remete-se para Pe. Serafim Leite, «Anotações dispersas sobre Catecismos brasílicos na História da Companhia de Jesus no Brasil» (vols. 8 e 9), organização sistemática e cronológica por M. C. M. (*Revista Portuguesa de História do Livro*, vol. 23. Lisboa: CEHLE, 2009, p. 181-231, em particular in p. 212-213).

³ O portuense José Rodrigues de Melo tinha chegado à Baía em 1739. Algum tempo depois já se ocupava da regência de cadeiras de Ciências Humanas nos colégios de Santos e Paraguá. Acabaria também ele por ser deportado para Itália, onde veio a falecer em 1789.

⁴ Remete-se para MORAES, Ruben Borba de – *Bibliographia Brasiliana. Rare Books about Brazil published from 1504 to 1900 of the Colonial Period* (edição revista e alargada). 2 vols. Los Angeles: Latin American Center Publications (UCLA), e Rio de Janeiro: Livraria Kosmos Editora, 1983, p. 552-553; e *Biblioteca Brasiliana*, p. 234.

Enquanto isso Tomás António Gonzaga, no Reino (ou seja, na Europa) parecia ter uma sorte muito mais promissora. Cerca de 1761 inscrevia-se na Universidade de Coimbra, mais especificamente na Faculdade de Direito. Em 1768, concluídos esses seus estudos, tinha o título de bacharel em Leis. Tendo pretendido, então, seguir aí o magistério, chegou a preparar (presumivelmente para efeitos de provas de ingresso com docente) um *Tratado de Direito Natural*. Tal não veio, porém, a suceder.

Devidamente habilitado então, para o efeito, foi colocado, como Juiz de Fora, em Beja. A sua permanência nessa cidade alentejana, ao fim de alguns anos, ter-lhe-á trazido alguma monotonia e pretendeu seguir novos caminhos (eventualmente *chamado*, também, pela ausência da família).

O PERÍODO DE ACTIVISTA DE UM ILUMINADO QUE PRETENDEU LUTAR CONTRA AS IDEIAS POLÍTICAS VIGENTES: UM IDEÓLOGO ENTRE O REAL E UM MUNDO (PSEUDO-CHILENO) FICCIONADO

Em 1782 Tomás António Gonzaga já se encontrava de novo no Brasil. Aí veio a ser nomeado Ouvidor-geral, Corregedor e Provedor das fazendas dos defuntos, ausentes, capelas e resíduos, na Comarca de Vila Rica (Ouro Preto). Para além dos trabalhos que prestava à comunidade, continuavam a germinar nele algumas das ideias de ruptura – em relação ao regime colonial vigente – que, anos mais tarde, lhe viriam a trazer gravosas consequências.

Esse seu primeiro período em Vila Rica, no Brasil, coincidiu certamente com o do estabelecimento de algumas amizades que viriam a perdurar na sua vida. Vejam-se os casos concretos das estreitas e duradouras relações que manteve, com duas dessas entidades, na região.

A bibliógrafa brasileira, Lygia da Fonseca Fernandes da Cunha⁵, aludindo à obra do Padre José Joaquim Viegas de Meneses, em Vila Rica, explicita bem claramente o facto de ele ser apontado como amigo de Tomás António Gonzaga e Cláudio Manuel da Costa, como também assinalou um dos Mestres de todos nós, o Prof. Rodrigues Lapa⁶. Aliás já em Coimbra Gonzaga havia poetado (tendo vivido, aí, entre alguns dos escritores mais ilustres da sua geração)⁷.

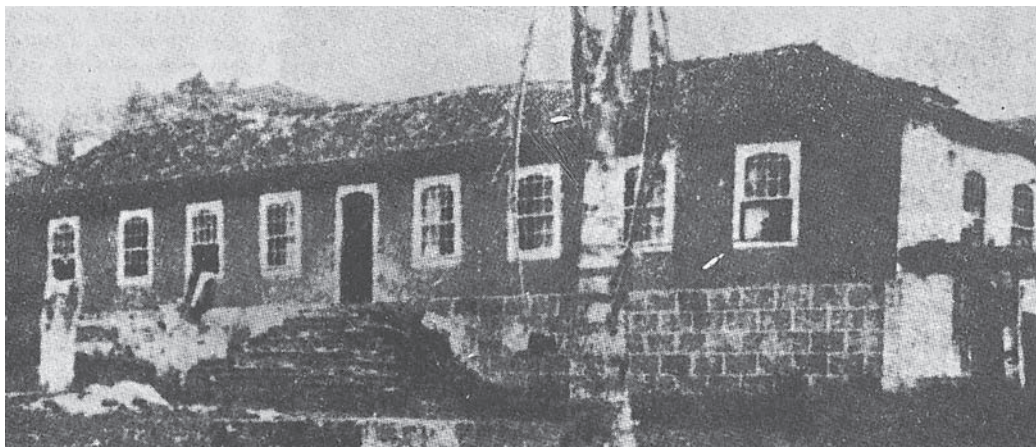
⁵ Uma raridade bibliográfica: *O Canto Encomiástico de Diogo Pereira Ribeiro de Vasconcellos impresso pelo Padre José Joaquim Viegas de Menezes, em Vila Rica, 1806*. Edição fac-similar com Estudo Histórico Biobibliográfico de Lygia da Fonseca Fernandes da Cunha. Rio de Janeiro, São Paulo: Biblioteca Nacional e Gráfica Brasileira, 1986. Agradecemos a aquisição desta rara publicação ao nosso confrade brasileiro na Academia Portuguesa da História, Dr. Carlos Francisco Moura.

⁶ Rodrigues Lapa teve presente, com efeito, no prefácio a *Marília de Dirceu* (Clássicos, 3.ª edição. Lisboa, 1961, p. XII) que Tomás António Gonzaga, Cláudio Manuel da Costa e Alvarenga Peixoto, mais não eram do que «três irmãos em Apolo, bons poetas os três, formados em Coimbra, que deviam entender-se às mil maravilhas». E, com eles, estava o próprio poeta Eugénio de Castro. Aludimos a esse facto num nosso estudo de há c. de vinte anos atrás, «Leopoldo Battistini – um pré-Rafaelita italiano na dimensão do seu classicismo... Os anos de Coimbra (1887-1903)», que, por deferência do Prof. Aníbal Pinto de Castro, recentemente falecido, foi dado à estampa na *Revista da Biblioteca da Universidade de Coimbra*, vol. 41. Coimbra, 1992, p. 178-191.

⁷ O nome arcádico de Gonzaga, como é sabido, foi o de Dirceu.

OS AMORES DO OUVIDOR PORTUENSE PELA JOVEM MARÍLIA E OS VERSOS CRISTALIZADORES DE UMA RELAÇÃO INTERROMPIDA

Foi precisamente em Vila Rica que Tomás António Gonzaga também veio a conhecer, e a nutrir respeitáveis sentimentos amorosos, por uma jovem, Maria Doroteia Joaquina de Seixas Brandão, que rondava os 16 anos. Pesava então para ele (ou não) – ao contar c. de 38 anos – a grande diferença de idades? É um facto incontornável que ele pretendeu, desde muito cedo, junto da família da mesma, contrair o respectivo matrimónio.



Aspecto da residência onde, nesse último quartel do século XVI residia com sua família a jovem Maria Doroteia Joaquina de Seixas Brandão.

Numa fase inicial, testemunham os seus biógrafos, essa união parecia aos ascendentes da *pretendida*, como algo meramente impensável. Nesse facto pesavam, entre outros aspectos, também, o de ele ser um homem sem fortuna. A pouco e pouco, porém, foram prevalecendo os argumentos do *Ouvidor* portuense, que o seu matrimónio com essa donzela – depois do seu pedido *oficial* nesse sentido⁸ – chegou a estar marcado para Maio de 1789.

A veia poética do *Ouvidor* portuense, em Vila Rica, passou assim a encontrar eco numa outra *destinatária*. Essa lírica de Dirceu – estudada em rigor, para além de Rodrigues Lapa, por Fernando Cristóvão⁹ – passou, de um *tempo activo* a um *tempo passivo*, motivado pela distância (esta por sua vez provocada pela política, como iremos ver um pouco adiante). O que é certo é, no mais profundo do poeta também se encontrava, de algum modo, em ebulição, aquele intelectual que gostava de ver o seu Brasil mudar.

⁸ Há autores que sustentam que o pedido oficial de casamento, pelo *Ouvidor* (sobre o qual nos detemos), teve lugar já em 1786. Não deixamos de relevar aqui, no entanto, considerarmos haver um período demasiado lato entre esse pretensão ano de 1786 (para tal pedido) e a data prevista de 1789 para tal matrimónio, que não se chegaria a consumar.

⁹ CRISTÓVÃO, Fernando Cristóvão – *Marília de Dirceu, de Tomás António Gonzaga*. Lisboa, 1981.

UM BRASIL SETECENTISTA EM MUDANÇA E A PROBLEMÁTICA DAS CARTAS CHILENAS ATRIBUÍDAS A TOMÁS ANTÓNIO GONZAGA

Para além das suas funções oficiosas, Tomás António Gonzaga – tal como viria a suceder, cerca de três décadas depois, com um outro intelectual português, o cientista João Bonifácio de Andrade e Silva¹⁰ – este *iluminado* já se encontrava marcado pelas ideias europeias de mudança, que havia trazido de uma Europa já em ebulição.

O discurso do poder, tal como se perspectivava na acção dos *quadros portugueses* que ali representavam o governo sediado em Lisboa, encontrou nele a postura de um lutador contra o *status quo* que, na sua óptica, se impunha ali alterar.

Nesse período setecentista, na segunda metade da década de oitenta, um dos primeiros pontos que atestam da viragem de Tomás António Gonzaga por um Brasil, colonial embora, mas diferente, foi o de uma compilação de epístolas, ou seja, as *Cartas Chilenas*. Rodrigues Lapa estima que essa colectânea de textos tenha sido redigida entre fins de 1786 e começos de 1787. A contrabalançar com esse parecer, Afonso Pena Júnior sustenta que tal terá sucedido já entre 11 de Julho de 1788 e 23 de Maio de 1789 (aquele mestre português considerou aquele período como tendo sido «dedicado pelo autor anónimo à revisão e emenda do texto»¹¹).

Tratou-se de uma colectânea de 12 cartas, subscritas pelo nome de Critilo (aliás T. A. Gonzaga), que se pretendia residindo em Santiago do Chile. Nessas epístolas, em poesia satírica – que circularam em Vila Rica, efectivamente, um pouco antes do movimento da «Inconfidência Mineira», de 1789 – eram denunciados os desmandos do governador «chileno», [aliás do Brasil], *Fanfarrão Minésio*, D. Luís da Cunha e Meneses. Essas epístolas foram endereçadas, precisamente, ao já referido Cláudio Manuel da Costa, pretensamente residente em Madrid. Tratava-se, no fundo, de um amplo poema que se apresentava como uma prova cabal de oposição ao regime colonial vigente.

A principal *desdita* na vida de Tomás António Gonzaga – mas que eventualmente terá pesado na sua imortalidade, enquanto sujeito, e na da sua obra – foi ter associado o seu nome aos revoltosos da designada por *Inconfidência Mineira*. Tratou-se, como é sabido, da primeira movimentação, ocorrida em Minas Gerais, em 1789, associada a uma pretensa independência do Brasil¹².

Nessa acção política estiveram implicados, entre outros, para além de Tomás António Gonzaga, os poetas Cláudio Manuel da Costa e Alvarenga Peixoto. Qualquer deles veio a pagar bem caro, a tal respeito, as suas frontalidade e coragem, pelo seu amor ao Brasil.

¹⁰ Registe-se que João Bonifácio de Andrade e Silva – neste período correspondente aos principais sucedâneos da Revolução Francesa – havia acompanhado em Paris (onde foi aluno de Lavoisier) alguns desses acontecimentos e movimentos populares que viriam a transformar decisivamente a história do mundo setecentista e as relações de poder entre e no seio das nações. Tendo J. B. de Andrade e Silva regressado em 1800 de França a Portugal, só em 1819, porém, viria a partir para o Brasil, «onde principia a a acompanhar e a incentivar o movimento anti-esclavagista, que havia encontrado grande implemento nos ideólogos da Revolução». Veja-se, no essencial, COUTINHO, Vicente de Sousa – *Diário da Revolução Francesa*. Leitura diplomática, enquadramento histórico-cultural e notas de Manuel Cadafaz de Matos. Lisboa: Edições Távola Redonda, 1990, em particular p. 299.

¹¹ L. S. R. – «Cartas Chilenas». In *Dicionário de Literatura Portuguesa, Brasileira, Galega, Estilística Literária*. Porto: Figueirinhas, 1989, vol. I (A-E), p. 153.

¹² Esse movimento levaria à condenação à morte do Alferes Joaquim Xavier, mais conhecido como *Tiradentes*.

DOS CÁRCERES DA ILHA DAS COBRAS, NO BRASIL, A UMA CATARSE POR VIA DA POÉTICA

Não se deve desconhecer que Tomás António Gonzaga, ao ser detido pela sua implicação nesse movimento, no mesmo ano, veio a pagar bem caro esse seu sentido *transgressor* e de coragem para a época. Ele foi um dos que, por ordens do Governo, foi transportado para os cárceres da Ilha das Cobras (Rio de Janeiro).

Poder-se-á imaginar as condições em que ele terá vivido aprisionado nessa Ilha. Restava-lhe aí, na ausência da liberdade, a *catarse* pelo amor, mesmo que algo platónico e distanciado, da mulher que, a partir dessa data, afastaria fisicamente, de uma forma irremediável, da sua própria vida (depois de romper o compromisso de noivado). Os biógrafos que se têm encarregue do seu exemplo de vida têm escrito que, nessa prisão, ele terá redigido em evocação dessa mulher assim *amada* – certamente que antes de se decidir pela anulação dos votos de casamento com ela – uma boa parte dos poemas que vieram posteriormente a ser editados, em 1792, em Lisboa, na Tipografia Nunesiana, sob o título *Marília de Dirceu*¹³.

Terá havido quanto a Portugal uma relação (epistolar) directa do autor desta obra, contendo apenas 33 liras, sobre essa edição, junto da Tipografia Nunesiana, ou eventualmente por um mensageiro-intermediário¹⁴? Ao certo não o sabemos.

Quanto ao seu conteúdo, mais especificamente, Marília surge, na primeira parte, como uma pastora idealizada. Na segunda parte, está patente, sobretudo, a vivência das ideias no âmbito do afastamento dessa sua amada, em resultado do seu encarceramento.

O grande problema que se levanta hoje é se a então *prometida desposada* do poeta, Maria Doroteia Joaquina de Seixas, terá tido a recepção – por parte de eventual mensageiro – de algumas das poesias de Gonzaga, a ela destinadas, remetidas desde o Rio de Janeiro, ainda na fase manuscrita (ou se, eventualmente, só veio a conhecer já a primeira edição de 1792). Foi posta ainda a circular, por alguma bibliografia disponível em torno deste malogrado escritor, que terá sido a própria jovem *prometida*, Maria Doroteia Joaquina de Seixas Brandão, quem terá escrito pessoalmente uma carta à Rainha de Portugal, em 1792, em que solicitava a superior intercepção régia no sentido de comutação da pena.

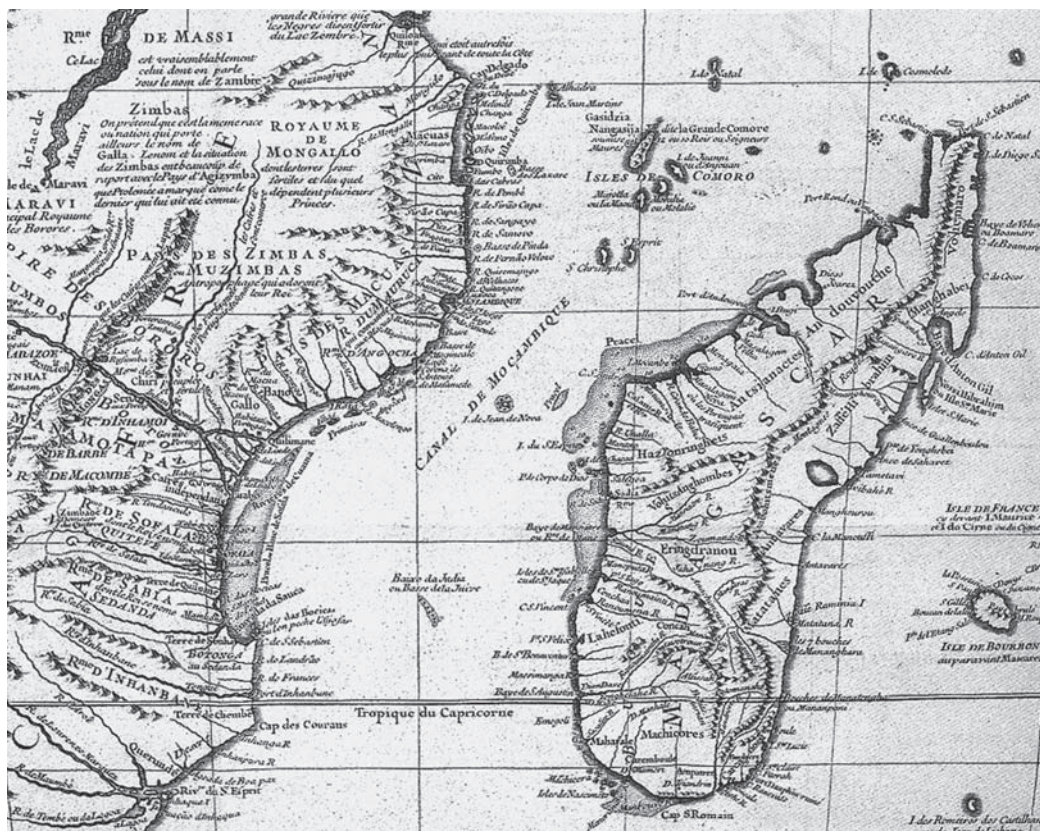
Talvez por alguma popularidade que já andava associada ao nome do poeta, inclusivamente em Portugal, esse pedido foi ouvido. Gonzaga acabou por ser sentenciado a uma deportação para a Ilha de Moçambique, no cumprimento de uma pena efectiva de dez anos. Era de facto uma sentença pesada mas, mais do que isso, era o desfazer de uma pretensa união amorosa que ocorria.

Tendo deixado o Brasil no primeiro trimestre de 1792, como sentenciado, na nau Nossa Senhora da Conceição e Princesa de Portugal, chegou à ilha de Moçambique, é hoje

¹³ Remetemos para a edição crítica – ainda hoje vista como inovadora em muitos dos seus aspectos – das *Obras Completas* de Tomás António Gonzaga, da responsabilidade e com o prefácio de Rodrigues Lapa, editadas em São Paulo, 1942 (algumas das matérias apresentadas nesta obra foram, décadas depois, objecto de actualização por parte de Adelto Gonçalves). Integra-se, nessa obra daquele prestigiado universitário português, toda a lírica do poeta, as *Cartas Chilenas* e, ainda, o estudo a que atrás aludimos, *Tratado do Direito Natural*. Poder-se-á observar ainda, com proveito, acerca desta fase da vida do poeta, a obra de CRUZ, António – *T.A. Gonzaga, Algumas notas biográficas inéditas*. Porto, 1954.

¹⁴ Há quem sustente que o empenho nessa edição lisboeta terá decorrido por parte de alguns elementos da Maçonaria.

um dado incontestável, em 31 de Julho de 1792. Não muito tempo depois – e, até, em resultado da sua formação jurídica – aquele que anteriormente fora Ouvidor no Brasil, acabou por ser nomeado ali, por um Outro Ouvidor, Francisco António Tavares de Siqueira, «Promotor de defuntos e ausentes». Em tais funções se ocupar, decerto, uns bons pares de anos (nessa terra onde, afinal, contraíu a doença de que mais tarde viria a falecer).



Mapa da região leste de Moçambique continental e Ilha de Moçambique, segundo uma carta gravada constante da obra de Kasper von Baerle (1584-1568), *Rerum octennium in Brasilia et alibi gestarum, sub Praefectura Illustrissimi Comitis, I. Mauriti Nassaviae & C. Comitum, Historia – Editio secundo – Clivis: ex Officina Tobiae Gilberling, 1660*. Foi nesta ilha, afinal, que ele viveu e onde veio a ser sepultado (no convento de S. Domingos), presumivelmente em Fevereiro de 1810.

DO AMOR NO PLANO PLATÓNICO E DAS IDEIAS AO AMOR GONZAGUIANO NO TERRENO DO REAL

Um olhar objectivo – no plano das ideias literárias e da vivência de uma determinada realidade local brasileira da época – permite hoje ao historiador das ideias observar, mais distanciadamente, a vivência amorosa do poeta portuense e *Ouvidor* de Minas Gerais. O que ele terá sentido por Marília, na nossa modesta opinião, terá sido a vivência amorosa num plano não muito afastado do platonismo.

Ele cristalizou a imagem de uma mulher, inacessível e não próxima, que era bela, essencialmente no tocante à retórica literária. Não chegaram até nós os traços

fisionómicos dessa sua *Marília*. O que sabemos é que ele na sua lírica imortalizou, conjugadamente, a beleza e a juventude de uma adolescente de 16 anos, mas não a mulher real, no seu desejo, na sua carnalidade, nos seus objectivos de vida.

A Marília, quanto a nós, não existiu em carne, mas sim em versos. Onde o *Ouvidor* agrilhado foi encontrar a mulher, real e na sua carnalidade, foi em Moçambique. Aí é que se lhe ofereceu, uma outra esperança, a multiplicação do ser, mas também a sepultura.

Alguns dos traços mais marcantes também da sua vida em Moçambique foram objecto dos estudos do investigador brasileiro Adelto Gonçalves, matéria essa a que votou (sob a direcção de Massaud Moisés¹⁵) a sua dissertação de Doutoramento apresentada à Universidade de São Paulo. Nesse rigoroso trabalho – ao que escreveu o diplomata Alberto da Costa e Silva na respectiva edição – Adelto Gonçalves amplia, completa e rectifica as páginas iluminadoras que escreveu Rodrigues Lapa¹⁶.

Algum tempo depois de chegar a Moçambique, Tomás António Gonzaga conheceu e *caiu de amores* por uma tal Juliana de Sousa Mascarenhas. Esta senhora, segundo veio a apurar Adelto Gonçalves, nem tão pouco foi filha de um próspero comerciante de escravos. Nem o próprio poeta, afinal, comerciou escravos nem implementou o desenvolvimento desse mesmo tipo de tráfico humano.

O poeta acabou por casar com D. Juliana Gonzaga, em 9 de Maio de 1793 sendo provável que ainda nesse ano tenha nascido uma filha do casal, de nome Ana Mascarenhas Gonzaga. Pouco tempo depois, esta mulher deu-lhe um novo filho, Alexandre Mascarenhas Gonzaga.

Os biógrafos do poeta têm estabelecido que essa mulher era, naturalmente, uma «pessoa de muitos dotes». Ela era, porém, «analfabeta», pois, quando casou, assinou em cruz a certidão de casamento (documento este que se encontra na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, secção de manuscritos, 1-46, 14, 10, certidão tirada na Ilha de Moçambique em 17 de Abril de 1850).

Acontece, porém, que esta D. Juliana já não representa, então, para Tomás António Gonzaga a mulher sonhada no plano das ideias de Platão, e daí posicionada no pináculo da *distância* amorosa. Ela apresenta-se, antes, como a *mulher real*, mais no concreto (comparativamente com a anterior *pastora* das suas letras brasílicas, desejada na carne, na sua carnalidade enfim. Com esta D. Juliana, terá vivido durante pouco mais de dezena e meia de anos, até à morte.

Não é lícito, como sempre temos sustentado, que com o amor a Juliana ele tenha *atraído* (ou negado) o amor a Marília. Essa questão, hoje, nem se põe. O que sucedeu, a nosso ver, é que o poeta arcádico e dos sonhos encontrou na vida objectiva e na realidade moçambicana, o porto de abrigo que lhe faltava para que se possa hoje afirmar (na multiplicabilidade da sua carne e dos seus afectos): *cumpriu-se o homem*.

¹⁵ Massaud Moisés, aliás, já votou, também, esclarecedoras considerações ao perfil biográfico de Tomás António Gonzaga. Remete-se, a propósito, para a obra desse autor, *História da Literatura Brasileira: das Origens ao Romantismo*, em particular para a secção «Arcadismo (1768-1836)», p. 242-249 (a obra está disponível, pela Cultrix, em 3 vols.).

¹⁶ GONÇALVES, Adelto – *Gonzaga, um poeta do Iluminismo*. Prefácio de Alberto da Costa e Silva. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999 (Prémio Ivan Lins de Ensaios da União Brasileira de Escritores e Academia Carioca de Letras). Esta inovadora dissertação, defendida em 1997 naquela universidade, foi preparada entre 1993 e 1997, com investigações também em Portugal (Lisboa, Coimbra, Porto e Évora).

O falecimento de Tomás António Gonzaga pode situar-se hoje, com alguma segurança (sobretudo depois das pesquisas de Adeldo Gonçalves), entre 25 de Janeiro e 1 de Fevereiro de 1810¹⁷. Seguindo uma prática regular na região, naquela época e sobretudo para homens que mais se destacavam, o seu corpo foi sepultado nessa ilha, no Convento quinhentista de S. Domingos¹⁸. Algumas décadas depois, por vicissitudes várias, com a destruição da igreja¹⁹ onde jazia, as suas cinzas foram feitas desaparecer.

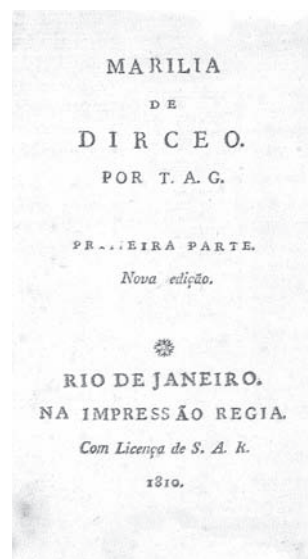
DOIS PROBLEMAS EM TORNO DA HISTÓRIA DA EDIÇÃO

Quer no Rio de Janeiro, sede da Corte Régia, quer em Lisboa, a popularidade de Gonzaga, a partir de 1792-1793, não mais deixou de crescer. Em 1792, como se viu atrás, tinha sido lançada a primeira parte das *liras* de Gonzaga. Já em 1799, seria hipoteticamente lançada a II Parte dessa sua produção poética. Este problema tem feito levantar alguns problemas de natureza historiográfica.

Como historiador da Edição, podemos apenas registar aqui que, para certos autores, a publicação dessa segunda parte dos seus poemas ocorreu, em Lisboa, na tipografia Lacerdina, em 1811; para outros, ocorreu na Imprensa Régia, em 1812. O Prof. Rodrigues Lapa – após cotejo dos textos hoje disponíveis – sustenta que é mais verosímil a segunda hipótese. Na biblioteca pertencente ao criterioso e exigente bibliógrafo brasileiro José Mindlin, existe a raríssima edição da obra de Gonzaga, *Marília de Dirceo*, que ele, no seu catálogo, afirma ter (ainda) saído no Rio de Janeiro, na Imprensa Régia, em 1810²⁰.

Não distarão muitos meses entre a morte deste poeta em Moçambique, em Fevereiro de 1810, vítima de uma doença prolongada, e a referida edição da Imprensa Régia, de que José Mindlin conseguiu adquirir um valioso exemplar.

Desde então, os mais variados estudos e interpretações – para além das próprias edições – foram votados à obra de



Frontispício da edição de *Marília de Dirceo*, de Tomás António Gonzaga, 1810.

¹⁷ Há um documento que prova a posse do sucessor de Gonzaga no cargo de juiz da Alfandega, o qual é datado de 2 de Fevereiro desse ano de 1810 (AHU, Moçambique, Códice 1378, fl. 51-51v., daquela data). Agradecemos esta informação, a par de outras informações pertinentes ao Prof. Adeldo Gonçalves. Regista-se, ainda, que de alguns dias antes daquela data, mais precisamente de 25 de Janeiro daquele ano, foi o último documento localizado, encaminhado ao juiz da alfândega, Tomás António Gonzaga, pelo Governador.

¹⁸ GONÇALVES, Adeldo – «Gonzaga, um poeta no desterro». *Revista Brasileira*, da Academia Brasileira de Letras. Ano XVI, vol. 63 (Abril-Maio-Junho de 2010), p. 175-180.

¹⁹ Sabe-se que este convento de S. Domingos tinha sido edificado na 2.ª metade do século XVI. Em 1607, ao que apurou Adeldo Gonçalves (*op. cit.*, 2010), foi destruído durante um cerco, pelos holandeses, vindo a ser reconstruído ainda na segunda metade do período seiscentista. Quatro décadas depois da morte de Tomás António Gonzaga, mais precisamente em 1852, as suas instalações, em elevado estado de degradação, acabaram por ser totalmente destruídas, o que arrastaria a perda irremediável do túmulo do malogrado poeta luso-brasileiro.

²⁰ MINDLIN, José – *Uma Vida Entre Livros – Reencontros com o tempo*. S. Paulo: Edusp/ Companhia das Letras, 1998, p. 52.



Frontispício da edição póstuma de *Marília de Dirceo*, de Tomás António Gonzaga, de Lisboa, 1824.

Tomás António Gonzaga. Uma das edições que retemos da porventura sua obra mais conhecida, *Marília de Dirceo*, é a que ocorreu também em Lisboa, em 1824, na Tipografia de J. F. M. de Campos.

Encontra-se a obra deste portuense já hoje suficientemente estudada? Não é essa, pelo menos, a nossa opinião. É às jovens gerações de investigadores – inclusivamente de historiadores luso-brasileiros das ideias – que tal tarefa, de tornar redívivo este poeta²¹, continuará a impor-se.

²¹ Tomás António Gonzaga é hoje o patrono da cadeira 37 da Academia Brasileira das Letras.